

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE HISTÓRIA NA ESCOLA PEDRO MARTINELLO

Emanoela Maria Freire dos Santos¹

Huendson Vitorino da Silva²

Derivaldo de Albuquerque Pinheiro³

RESUMO

O programa Residência Pedagógica tem por objetivo promover a prática pedagógica durante a formação nos cursos de licenciatura, possibilitando uma relação teórico-prática do licenciando na escola. Nesse sentido, o artigo “Residência Pedagógica: experiências na formação de professores de história na escola Pedro Martinello” busca refletir as relações entre escola, professor, residentes e aluno no processo de ensino-aprendizagem diante das novas possibilidades propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O artigo também busca evidenciar experiências vividas nessa escola e as possíveis intervenções pedagógicas propostas pelo programa em uma participação direta dos residentes nas aulas de História. Utilizando-se das ações e dos métodos propostos pelo programa em uma construção histórica dentro da relação ensino-aprendizagem e respeitando a dinâmica dos diferentes saberes relacionados à sala de aula, temos como base Ana Maria Monteiro (2007) e Bernardo Charlot (2013), discutindo o ambiente escolar e as relações professor/aluno no sistema educacional. Nessa perspectiva, destacamos os seguintes tópicos: experiências vividas pelos professores/alunos residentes; formas e métodos de ensinar/aprender e contribuições trazidas pelo programa aos sujeitos sociais envolvidos neste processo. A partir dessas questões, percebemos que o maior desafio hoje é atrair a atenção do alunado para que eles compreendam a importância do ensino de História na construção do conhecimento e despertar o senso crítico neles.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência. Ensinar. Aprender. História.

PEDAGOGICAL RESIDENCE: EXPERIENCES IN THE TRAINING OF HISTORY TEACHERS AT PEDRO MARTINELLO SCHOOL

ABSTRACT

The Pedagogical Residency program aims to promote pedagogical practice during the formation of undergraduate courses, enabling a theoretical-practical relationship of the undergraduate student in the school. In this sense, the article "Pedagogical Residency: experiences in the training of history teachers at Pedro Martinello School" seeks to reflect on the relationships between school, teacher, residents, and students in the teaching-learning process in the face of the new possibilities proposed by the Common National Curriculum Base (BNCC). The article also seeks to highlight experiences lived in this school and the possible pedagogical interventions proposed by the program in a direct participation of the residents in history classes. Using the

¹ Especialista em Educação Especial, Bacharela e Licenciada em História pela Universidade Federal do Acre (Ufac).
E-mail: emanoelasantos68@gmail.com

² Especialista em Ciência da Religião, Bacharel e licenciado em História, pela Universidade Federal do Acre (Ufac).
E-mail: huendsonvitorino@gmail.com

³ Licenciado em História pela Universidade Federal do Acre (Ufac), Professor na rede estadual de ensino do Acre.
E-mail: deripinheiro@gmail.com.

actions and methods proposed by the program in a historical construction within the teaching-learning relationship and respecting the dynamics of the different knowledge related to the classroom, we have as a basis Ana Maria Monteiro (2007) and Bernardo Charlot (2013), discussing the school environment and the teacher/student relationships in the educational system. From this perspective, we highlight the following topics: experiences lived by resident teachers/students; ways and methods of teaching/learning and contributions brought by the program to the social subjects involved in this process. Based on these questions, we realize that the biggest challenge today is to attract the students' attention so that they understand the importance of History teaching in the construction of knowledge and awaken their critical sense.

KEYWORDS: Experience. Teaching. Learning. History.

1. RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E SEU PAPEL NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

O programa Residência Pedagógica tem por objetivo promover a prática pedagógica durante a formação nos cursos de licenciatura, possibilitando uma relação teórico-prática do licenciando na escola. Nesse sentido, o artigo a respeito do tema “Residência Pedagógica: experiências na formação de professores de história na escola Pedro Martinello” busca refletir as relações entre: escola, professor, residentes e aluno no processo de ensino-aprendizagem diante das novas possibilidades proposta pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O artigo também busca evidenciar experiências vividas nesta escola e as possíveis intervenções pedagógicas propostas pelo programa em uma participação direta dos residentes nas aulas de História.

Dessa forma, o interesse pelo tema se deu durante a participação no programa no referido programa na escola Pedro Martinello, onde observar o cotidiano e as e as vivências do público escolar nos fez refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem como uma prática social, como afirma Libâneo (1998, p. 59) que “[a] educação é uma prática social, materializada numa atuação efetiva, na formação e no desenvolvimento dos seres humanos”). Desta forma, observamos que diferentes programas e projetos desenvolvidos pela escola Pedro Martinello findam por ter um papel de extrema importância ao proporcionar a aprendizagem e a formação da personalidade dos alunos

Utilizando-se das ações e dos métodos propostos pelo programa – de forma quantitativa e qualitativa, buscando evidenciar as ações e contribuições do Programa Residência Pedagógica – programa de extensão da universidade que aprimora o processo de ensino-aprendizagem e respeitando a dinâmica dos diferentes saberes relacionados a sala de aula, temos Circe Maria Fernandes Bittencourt (2011) como base das discussões. A obra Ensino Fundamentos e Métodos discutido procedimentos

metodológico no ensino de História, também Ana Maria Monteiro (2007) e a obra *Sujeitos Saberes e práticas* fazendo uma abordagem sobre a constituição de saberes pedagógicos na formação inicial do professor para o ensino de história na educação básica, bem como os métodos de pesquisa escolar e as relações entre sujeitos sociais. Ainda utilizamos Bernardo Charlott (2013), no livro “Da relação com o saber as práticas educativas”, para discutir o ambiente escolar e as relações professor/aluno no sistema educacional.

Nessa perspectiva destacamos os seguintes tópicos: experiências vividas pelos professores/alunos residentes; formas e métodos de ensinar/aprender e contribuições trazidas pelo programa aos sujeitos sociais envolvidos neste processo. A realidade observada durante esse primeiro momento é que o processo de ensinar e aprender não configura mais o modelo de educação tradicional, em que o professor utilizava como instrumento metodológico indispensável o livro didático, o quadro e o giz. Percebe-se que professor utiliza novas metodologias de ensino e renova suas práticas, não trabalhando somente com o livro didático ou com assuntos que não têm ligação com a realidade dos alunos. Isso é determinante para aumentar interesse dos alunos pelas aulas, pois um dos maiores desafios hoje, para o educador, é atrair a atenção do alunado para que eles compreendam a importância do ensino de História na construção do conhecimento e despertar nestes o senso crítico.

2. O PROJETO E A ESCOLA

As metas do programa Residência Pedagógica consistiram-se primeiramente na observação da escola a qual os bolsistas foram lotados, o que proporciona uma aproximação maior da realidade escolar na relação de ensino-aprendizagem.

Na Escola Estadual Professor Pedro Martinello, a qual está vinculada a esse projeto, atuam os alunos do curso de licenciatura em História do qual fazemos parte. Inicialmente, éramos um grupo de sete alunos bolsistas, no qual, juntos, participamos do processo de formação composto por aulas teóricas ministradas pelos orientadores e ministrávamos aulas laboratórios, nas quais iniciávamos o processo teórico/prático de acordo com os objetivos gerais do programa, bem como os específicos da área de História. É válido ressaltar que também é um objetivo do programa instituir uma ligação entre as instituições de ensino superior e escola básica ou seja, criar um vínculo entre a entidade que forma e a que recebe o formado provenientes dos cursos de licenciatura.

A escola acima citada está localizada com sede na Avenida Antônio Pessoa Jucá, n.º 196, Conjunto Montanhês, bairro Tancredo Neves, CEP 69908-470, na cidade de Rio Branco, Acre e está

localizada no perímetro urbano. O Conjunto Montanhês é um bairro com uma população, em sua maioria, composta por pessoas com baixo nível de escolaridade e está dentro de um perímetro periférico, sendo um dos bairros mais carentes de Rio Branco. A instituição de ensino Professor Pedro Martinello foi criada para atender à grande demanda de alunos nos zoneamentos dos bairros Jorge Lavocart, Tancredo Neves, Caladinho, Irineu Serra e adjacentes,

Em 2008, foi instalada provisoriamente no prédio que, atualmente, é o Superintendência Municipal de Transportes e Trânsito (RBTRANS), localizado no bairro Xavier Maia, na Avenida Brasil. Posteriormente, foi iniciada a construção do atual prédio escolar, sendo inaugurado somente no ano de 2010. O projeto dessa escola visava beneficiar dois mil alunos. No entanto, atualmente, atende apenas a 1180 alunos. O nome da escola foi em homenagem ao prestigiado professor Doutor Pedro Martinello, que conquistou o respeito e a admiração estudantil através de sua metodologia empenhada em prol causas de grupos sociais que sofriam com desigualdade. Foi o primeiro doutor a lecionar na UFAC, sendo pró-reitor de pesquisa e pós-graduação na mesma universidade, de 1988 a 1992. Posteriormente, estendeu o seu conhecimento histórico ao aprendizado dos acadêmicos da Uninorte. Diante legado, essa homenagem é uma forma de reconhecimento pelo seu trabalho dedicado à educação e a história do estado.

A escola funciona nos períodos da manhã, da tarde e da noite, trabalhando com duas modalidades: o ensino regular – com o ensino fundamental (6º ao 9º ano) e com o ensino médio (1º ao 3º ano) – e com o Programa de Aceleração da Aprendizagem (EJA). Atualmente, a escola está sob a direção da professora Katianny Andrade dos Santos Lima Mascarello e conta com um quadro de funcionários composto por (1) coordenador de ensino, (1) coordenador administrativo, (1) secretária e (5) coordenadores pedagógicos, sendo dois para o turno matutino, dois para o turno vespertino e um para o turno noturno.

Esta instituição atende a crianças e adolescentes oriundos de bairros periféricos, com altos índices de criminalidades. Diante disso, a comunidade escolar compreende que a maior parte dos alunos convivem com a violência, com as drogas e têm a família desestruturada. De acordo com dados levantados na Secretária da Escola, mais de 70,% dos alunos recebe auxílio governamental do programa bolsa-família. Diante desses fatores, a carência dos alunos fica evidente no que se refere a atividades culturais, de esportes e de lazer. Dessa forma, a escola finda por ter um papel de extrema importância no que se refere a proporcionar o básico a essas crianças e adolescentes, papel que esta não mede esforços para cumprir. A escola promove projetos e programas no para inserir os alunos no

cotidiano escolar e fazê-los sentir-se pertencentes a esse espaço, cuidando e preservando o ambiente e as relações nele estabelecida.

Durante o período que atuamos na escola, observamos que, além dos programas que acontecem em parceria com a secretaria de educação e a CAPES, como é o caso do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e da Residência Pedagógica, existem outros projetos que esta escola promove e participa que têm contribuído para que a comunidade escolar e as famílias reflitam sobre os caminhos a serem seguidos. Dentre eles, podemos destacar o projeto do Ministério Público do Estado do Acre, “Promotor por Um Dia”, no qual foram selecionados alunos do 9º ano para participar de uma palestra ministrada por promotores de justiça em alguns órgãos públicos, tendo como objetivo principal fazer com que a esses alunos conheçam o Ministério Público e os seus direitos à cidadania. A escola tem um papel crucial nessa missão de apoio a esses projetos que visam atender esse público.

Assim, tem sido significativo tanto para a comunidade escolar como para os graduandos do curso de licenciatura em História o apoio da escola Pedro Martinello ao programa Residência Pedagógica.

Com base nos objetivos principais do programa, buscamos fazer intervenções pedagógicas no sentido de contribuir com a aplicabilidade da Lei n. 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da História e da cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio.

O nosso objetivo, no que se refere à participação no programa, também inclui a aproximação do local onde vamos exercer nossa função (professores de História), bem como o aprendizado, de forma prática, através do contato direto com a sala de aula e com os alunos, colocando em prática o conhecimento teórico recebido durante a graduação e as horas de formação recebidas no início da inserção no programa, que são ações fundamentais para compreender o dinamismos entre teoria e prática, entre o concreto e o abstrato um processo que leva a

entender as articulações dos saberes mobilizados com os saberes ensinados: os curriculares, os da formação nos cursos de licenciatura, das formações contínuas, da escola e, sobretudo entender a valorização que os professores têm do saber construído em sua prática docente. (MONTEIRO, 2007, p. 234)

Na ocasião, observamos uma aula ministrada pelo professor Derivaldo Pinheiro, o preceptor desta edição do programa Residência Pedagógica, que, além de ser docente na área de História na referida escola, é educador social, contador de história, pesquisador e atuante na área de Cultura há

quase vinte anos, sendo também membro fundador da associação de contadores de Histórias do Acre, coordenador de Cultura do SESC Acre, jurado de quadrilha de festa junina e participante de outros projetos que contribuem e incentivam a educação e a arte no estado do Acre.

Na aula observada, assistimos juntamente com os alunos o filme “O menino do pijama listrado”. O professor não media esforços para chamar a atenção dos alunos, promovendo também a interação e a participação deles. É notável o esforço do professor e o cuidado na seleção dos conteúdos de acordo com o tema sugerido pelo livro didático a serem repassados aos alunos, que, em sua maioria, não demonstraram muito interesse na disciplina de História. Nós nos deparamos com uma aluna do 8º ano que disse que vinha para aula porque os pais a obrigavam, fato que nos leva perceber o significado da realidade de um sala de aula na educação básica e qual a distância que ela está da instituição de nível superior que forma os alunos da licenciatura para atuar nesses locais.

Os alunos da IES são formados para uma sala de aula abstrata, na qual se tem notícias das necessidades que as escolas de ensino básico passam, mas desconhecem o real sentido dessas necessidades, que vão além do descaso do poder público ou das condições financeiras de cada aluno. As necessidades têm a ver com as particularidades de cada um, e, na maioria dos casos, é o conjunto de todos esses fatores que se entrelaça na pluralidade da sala de aula e na responsabilidade do professor.

Nesse sentido, o professor é cobrado tanto pela escola quanto pelos pais a dar conta de resultados que não é responsabilidade só dele, como diz Charlot (2014, p. 26) “[...] assim cresce o descompasso entre o que a escola oferece e o que os alunos e os pais esperam dela e portanto, aumenta as dificuldades dos docentes”.

Seguindo as orientações curriculares, os professores de história da referida escola procuram trazer sempre o conteúdo para o contexto local, criando mecanismos para que os alunos possam compreender que a história não é algo que simplesmente acontece, mas é um processo do qual eles também fazem parte.

Observamos, ainda, que o trabalho dos professores, principalmente no que se refere à disciplina de História, consiste em introduzir os alunos na leitura das diversas fontes de informação para que eles adquiram, pouco a pouco, autonomia intelectual. Essa é mais uma barreira encontrada pelos docentes da educação básica. Dentro das novas estruturas educacionais, não se encontra muito interesse na formação intelectual, mas na formação profissional. Ao perguntar a alguns alunos porquê eles vão à escola, a resposta é quase unânime: “para conseguir um bom emprego e construir uma vida melhor”, e alguns alunos não têm nenhum dos dois objetivos. Para Charlot (2014, p. 43, “[...] cada vez

mais alunos vão à escola apenas para passar de ano e que nunca encontraram o saber como sentido, como atividade intelectual, como prazer” e isso é aproveitável como estatística, números para satisfazer os anseios do sistema”.

Porém, essas estruturas concernentes à sala de aula e às relações sociais e culturais que consistem na pluralidade das inúmeras turmas de aluno(as) com a qual um professor têm de conviver e de administrar no exercício da profissão só é possível entender, de fato, na prática, uma experiência que tivemos durante a participação no programa Residência Pedagógica.

Além dessas questões relacionadas diretamente a sala de aula, ainda existe outros fatores com o qual a todo o público escolar tem que conviver e criar mecanismo para gerir, que é a violência. Durante o período que tivemos na escola, não presenciamos nenhum ato de maior gravidade, a não ser pequenos desentendimentos entre os próprios adolescentes. Em um diálogo com a coordenadora pedagógica Elizangela Cristina de Oliveira Silva, durante o período de observação na escola, ela nos relatou:

A escola, apesar de não ser violenta em sua prática cotidiana, já sofreu inúmeros ataques e invasões, que ocasionaram roubos e depredações fora do horário escolar, além de destruição de documentos, dentre eles o próprio PPP da Escola. (Entrevista concedida ao bolsista Huendson Vitorino, 07 jun. 2018.)

Para ela, essas práticas eram frequentes, mas, com o passar do tempo e com o diálogo entre pais professores e alunos, foram se tornando mais difíceis, o que tem facilitado os relações no cotidiano da escola.

3. DOCENTES DA ESCOLA PEDRO MARTINELLO: FORMAS E MÉTODOS DE ENSINAR/APRENDER

No início da nossa inserção na escola, tínhamos que fazer observações na sala de aula, bem como conversar com professores e alunos para que, através desse diálogo, pudéssemos compreender qual a metodologia aplicada no processo de ensino-aprendizagem, dentre outras coisas relacionadas à profissão docente.

A primeira conversa foi com professor Derivaldo Albuquerque. A sua concepção do ensino de História é que ele deve estar baseado na valorização dos conhecimentos que o discente tem a priori. Ele nos fez perceber que o percurso do trabalho escolar inicia dentro de uma perspectiva. Em primeiro lugar, se deve buscar o conhecimento prévio dos alunos sobre o conteúdo a ser ministrado. Diante disso, o próximo passo é a identificação das especificidades das linguagens dos documentos —

textos escritos, desenhos, filmes, sem abrir mão da leitura do livro didático. A leitura é de suma importância no exercício da mente. De um modo geral, ela amplia e diversifica nossas visões e interpretações sobre o mundo e da vida como um todo.

No estudo de História, utilizando-se de novas metodologias, é possível que o professor consiga passar informações aos alunos com mais facilidade, pois ele irá abordar os acontecimentos de diversas épocas e localidades, trabalhando de maneira mais ampla e abrangente, fazendo uma ligação com a realidade e com o cotidiano dos alunos, utilizando-se de diferentes fontes documentais, como referências bibliográficas, entrevistas, imagens, músicas, tornando o aluno parte do conteúdo trabalhado, o que irá prender a atenção do educando, de modo que o professor consiga chegar ao seu objetivo. Para Circe Bitencourt (2012), isso só é possível se os professores tiverem o conhecimento sobre o meio social que os seus alunos estão inseridos. Para a autora, as vivências do dia a dia desses indivíduos e suas relações com seu grupo ficam marcadas para sempre através dessas marcas sociais que têm a possibilidade de acontecer a troca de saberes:

Dessa forma, as representações sociais devem ser analisadas, considerando que os indivíduos são marcados pelo seu grupo social. É preciso que o professor considere esse duplo movimento: o funcionamento de modo de conhecer individual e sua relação dinâmica com o grupo social do qual o jovem faz parte. (BITENCOURT, 2012, p. 236)

O planejamento das aulas contribui para a realização de aulas satisfatórias em que os estudantes se sintam estimulados, tornando o conteúdo mais agradável, com vistas a facilitar a compreensão.

4. O PROFESSOR DE KENEDY ALBUQUERQUE

Conversamos também com Kenedy Albuquerque Batista, professor de história do 6º ano desta escola. Ao perguntarmos para ele qual a sua concepção em relação ao ensino de história, ele nos relatou que a sua concepção sobre o ensino de história

Tem que ter por base a compreensão do passado. Se o passado não for compreendido, não há possibilidade de entender o presente e jamais pensar no futuro. Ele ainda cita que pensar no passado não é apenas focar em atos heroicos, mas buscar essa compreensão a partir das lutas de classes daqueles que não aparecem nos documentos oficiais. (Relatos do professor Kenedy Albuquerque aos bolsistas Emanuela Freire e Huendson Vitorino, 07 jun.2018)

Quanto aos procedimentos metodológicos, ele segue sempre as orientações curricular e se guia também pelo livro didático, mas insere, na bibliografia utilizada em sala de aula, outros livros, principalmente por considerar que o livro didático oficial não trata satisfatoriamente de temas como

história do Acre, violência contra mulher e outros que ele julga necessários de serem abordados em sala de aula. O livro que ele trabalha aborda a questão da história e da cultura afro-brasileira e da história indígena. No entanto, de forma muito resumida. O professor tem que ir buscar mais fontes, pesquisar outras bibliografias para complementar. No que se refere aos indígenas do Acre, não se encontra no livro didático, é o professor que tem que montar a sequência didática relacionada à história do Acre.

Para o professor Kennedy:

O maior desafio hoje é atrair a atenção do alunado para que eles compreendam a importância do ensino de história na construção do conhecimento e despertar no aluno o senso crítico, de forma que entendam que a partir disso que eles podem trazer alguma mudança na sociedade. (Relatos do professor Kenedy Albuquerque aos bolsistas Emanoela Freire e Huendson Vitorino, 07 jun. 2018)

Podemos observar que, apesar das dificuldades encontradas, os professores, atualmente, tentam se desdobrar ao máximo para suprir a carência causada pela ausência do poder público no que tange a uma educação de qualidade aos seus alunos. A Base Nacional Comum Curricular propõe, em suas competências e habilidades, que sejam evidenciadas história e cultura afro-brasileira e história indígena. Entretanto, o que se tem disponível no livro didático não é suficiente para alcançar os objetivos da BNCC. Para suprir essa necessidade, os professores têm que se utilizar de outros mecanismos, como pesquisa na internet, realização de oficinas e outros.

5. PROFESSORA RAQUEL M. DE AZEVEDO

No início da nossa participação no programa, a professora ministrava aulas nas turmas de 6º e 7º anos na escola Pedro Martinello. Antes de sairmos da escola, ela saiu de licença-maternidade e, como seu contrato era provisório, ela mudou de escola. Ao falar sobre a concepção do ensino de história, ela diz: “o ensino de história para formar cidadãos conscientes da formação do mundo, da sociedade e da contribuição do homem nessa formação”. Ela também nos relatou um pouco sobre o dia a dia no processo de ensinar/aprender na disciplina de História:

Há implicações na didática do ensino de história são as alterações e reformulações que as orientações curriculares, que deixam o professor sem ter um norte e orientação em saber onde começar, pesquisar, e qual o conteúdo deve ser aplicado, pois ele não está descrito de forma explícita, declarada. Há a necessidade de realizar uma interpretação detalhada e rebuscada. (Relatos da professora Raquel Moraes a bolsista Emaoela Freire, 15 maio 2018)

Ao observamos a as aulas da professora Raquel, vimos que esse é um exercício constante e que é necessário que o docente crie mecanismos que atenda à necessidade do aluno no que se refere ao conteúdo, buscando a participação direta do aluno nesse processo, gerando, assim, a educação horizontalizada, fazendo desse exercício uma forma mais prática e avaliativa dos seus alunos. Como a professora expõe na sua fala:

No que se refere à avaliação, ela ocorre durante todo o ano letivo, em que acompanho os alunos em atividades individuais e atividades em grupo, levando sempre em conta a participação deles em relação ao comprometimento, à execução dentro de um determinado prazo e à cooperação mútua. Relatos da professora Raquel Moraes a bolsista Emaoela Freire, 15 maio 2018)

Com as modificações da orientação curricular, percebe-se a necessidade de se realizar uma interpretação que leve em conta a cronologia do fato histórico e os conceitos que matem relação passado/presente. Com isso, realiza, nas aulas, mapas conceituais e cronológico, explicando o antes e o depois de determinados fatos históricos para que o aluno perceba e localize quando e como ocorreu.

Durante a prática pedagógica, são utilizadas várias edições de livros, mas, como o aluno precisa de uma fonte de pesquisa durante as aulas, há a necessidade de ele que também tenha um livro didático. Assim sendo, serve de base o livro didático adotado pela escola, havendo a necessidade do professor realizar pesquisa e utilizar textos retirados de outros livros ou mesmo pesquisados na internet e entregar aos alunos como cópia dos textos encontrados na pesquisa.

Na fala dos professores de História com os quais conversamos, é possível perceber que há muitas dificuldades em ministrar as aulas, a começar pelo suporte disponibilizada pelo poder público, que não é suficiente para atender às necessidades do alunado. Percebermos, ainda, a deficiência que há no livro didático no que se refere à história, à cultura afro-brasileira e à história indígena, até mesmo no tocante à presença da mulher na história.

Não se pode negar que o livro didático é um importante ponto de apoio aos docentes. É ele que norteia os conteúdos, porém de forma muito resumida, não podendo, assim, ser posto como único material a ser utilizado na sala de aula.

Durante o tempo que tivemos na escola, o livro disposto na escola Pedro Martinello era “História” (6º e 7º anos), do autor Gilberto Coltrin. Nessas edições, há citações e conteúdos que estão inclusos nas leis 10.638/2003 e 11.645/2008, que retratam a história e cultura africana e indígena, mas de forma restrita, não contemplando de uma forma geral. Isso reflete as dificuldades e desafios de

trabalhar esses dois temas (África e indígena), porque a sociedade brasileira, assim como a maioria dos países latino-americanos, durante muito tempo, foi obrigado a aceitar a versão histórica do europeu, sempre menosprezando e tratando africanos e indígenas como pertencentes a culturas inferiores.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Residência Pedagógica vem contribuindo significativamente para a formação profissional dos formandos em História. Cada encontro, tanto na escola quanto na Universidade Federal do Acre, promoveu a capacitação de cada residente para atuar na sala de aula, além de fornecer, também, a oportunidade de socialização tanto com orientadores e preceptores quanto com os colegas, ação fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Enfatizamos ainda as leituras, de fundamental importância para os docentes que buscam enriquecer suas bases teóricas para pesquisa, tão necessária ao ensino de História. Nesse sentido, é necessário fazer uma autoavaliação a respeito dos aproveitamentos individuais e da compensação de renúncias que cada um fez para estar no projeto que traz benefícios que vão além de um auxílio de R\$400,00 (quatrocentos reais), benefícios esses adquiridos nos conselhos e orientações dos preceptores, assim como os dos docentes orientadores do projeto da prof^ª. Ma. Flavia Rocha e do prof. Dr. Francisco Pinheiro de Assis, com contribuições sobre metodologias, objetivos, avaliações, planejamento, construção planos de aula, cronogramas, sequências didáticas, relatórios, fundamentais para nossa formação, proporcionando todas essas experiências, não só de ver, mas do fazer, por em prática, exercitar o conhecimento teórico adquirido durante a formação na Instituição de Ensino Superior.

Quanto ao trabalho em equipe, regida por uma preceptora e uma orientadora, nos faz formar pensamentos e ações iniciais que não devem deixar de ocorrer em nossas atuações. São novos debates, ideias, métodos e sugestões, contribuindo grandemente para um melhor posicionamento pedagógico em relação à docência, além de se relacionar com o docente da escola, que nos recebeu carinhosamente e nos deu total liberdade para trabalhar com ele em sua disciplina.

As dificuldades encontradas durante o período na escola foram os de sempre, aquelas dificuldades que estão sempre presentes nas falas dos docentes em atuação, que são a falta de recursos, como materiais didáticos. Mesmo a escola tendo nos oferecido o possível, foi necessário criar nossa própria caixa de materiais, o que é compreensível. Além disso, algumas novas dificuldades, como inserir as oficinas nos contra turnos, tentando fazer com que os alunos se fizessem presentes nelas, os

planejamentos dos demais, a falta de conteúdo sobre o tema que foi uma pequena dificuldade, mas, assim como as outras que aparecerão em nossos caminhos, foram vencidas.

A realidade observada durante esse primeiro momento é que o processo de ensinar e de aprender não configura mais o modelo de educação tradicional em que o professor utiliza como instrumento metodológico indispensável o livro didático e, automaticamente, aciona uma metodologia que reprime e limita a fala do aluno e sua capacidade interpretativa. Isso se reflete diretamente na aprendizagem dos alunos, pois eles se acostumam somente a copiar dos livros e a receber conteúdos prontos e, quando são instigados a escrever e a dizer o que pensam de um assunto, apresentam muitas dificuldades.

Na escola observada, percebe-se que professor utiliza novas metodologias de ensino e renova suas práticas, não trabalhando somente com o livro didático ou com assuntos que não têm ligação com a realidade dos alunos. Isso é determinante para aumentar interesse dos alunos pelas aulas.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, R. M.. **As dificuldades encontradas para seguir caderno de orientações curricular.** [Entrevista concedida a] Emanoela Freire . Rio Branco, 15 Maio 2018.

BATISTA, K. A.. **Inserção da Historia local e História e cultura afro brasileira na sequencia didática.** [Entrevista concedida a] Emanoela Freire e Huendson Vitorio. Rio Branco, 07 de Junho 2018.

BITTERCOURT, C. M. F.. **Ensino de história: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

CHARLOT, B.. **Da relação com o saber e as práticas educativas.** São Paulo: Cortez, 2013.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.

MONTEIRO, A. M.. **Sujeito Saberes e Praticas.** Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2007.

Data de submissão: 12/07/2021

Data de aprovação: 27/09/2021